

Tiago Batista Fontes

A mística de Etty Hillesum:

Uma experiência de Deus entre as brumas da Shoá



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL

SUMÁRIO

Introdução, 13

Capítulo 1: O florescimento do itinerário espiritual de Etty Hillesum, 21

1.1 Dados biográficos de Etty Hillesum, 21

1.2 O bloqueio espiritual de Etty Hillesum, 35

1.3 A invasão nazista aos países baixos e o decorrente despertar de pertença ao povo judeu na vida de Etty Hillesum, 67

Capítulo 2: As fontes da linguagem mística Hillesiana, 91

2.1 O desejo de ser escritora: a escrita como exercício espiritual, 91

2.2 Os autores preferidos de Etty Hillesum, 120

2.3 A sagrada escritura e escritores místicos, 156

Capítulo 3: A mística de Etty Hillesum, 181

3.1 A tipologia da mística Hillesiana, 181

3.2 As categorias da mística Hillesiana, 203

*3.3 O conceito de deus apreendido por Etty Hillesum
entre as brumas da shoá, 226*

Conclusão, 249

Referências, 257

INTRODUÇÃO

O tema proposto neste livro, *A Mística de Etty Hillesum: uma experiência de Deus entre as brumas da Shoá*, pretende investigar os elementos fundantes da mística desta jovem judia dos Países Baixos urdida num arco de tempo brevíssimo, tendo como pano de fundo a Segunda Guerra Mundial, donde um sofrimento inenarrável e sem precedentes recairá sobre a história do povo judeu. Nas primeiras linhas de seu Diário, em 9 de março de 1941, verifica-se um mal-estar interior, daí emergirá o esboço duma ulterior mística hillesiana, ao se deparar com uma confissão empapada de angústia:

Intelectualmente sou tão preparada que posso explorar tudo, com formulações claras, muitas vezes pareço ser uma pessoa superior quando se trata das questões da vida, e mesmo assim, bem lá no fundo, há um novelo emaranhado, algo me trava e de vez em quando não passo de uma pobre coitada, apesar da lucidez do meu pensamento. (DEP, 2020, p. 17).

A partir desse aperto interior, Etty Hillesum registrará sua aventura que desembocará numa inaudita experiência mística, a qual testemunhará em *Diário e Cartas* com uma linguagem verazmente original. Nutrindo-se de literatos da envergadura de Rainer Maria Rilke e Dostoiévski, visitando pensadores clássicos da mística cristã, Agostinho, Mestre Eckhart e, folheando as páginas do Novo e Velho testamentos, perscrutando os escritos do psiquiatra suíço Carl Gustav Jung, enlevando-se ao contemplar as obras da natureza,

e socorrendo seus compatriotas no campo de trânsito de Westerbok, donde ao experimentar a situação-limite de seu povo, reforçará seus laços com o Deus encontrado a partir dum aperto interior, levando-a tecer sua própria linguagem, à qual testemunhará uma experiência mística deveras inaudita para uma jovem alheia de sua herança religiosa.

A descrição de mística do filósofo Heschel como “viver acompanhado por Deus” (HESCHEL *apud* PONDÉ, 2011, p. 17) traduz bem o percurso hillesiano. A partir dessa consciência de viver acompanhada por Deus, Etty Hillesum partejará uma mística com nuances peculiares, como acentuou Faustino Teixeira ao citar a classificação da pesquisadora italiana Wanda Tommasi, afirmando que se trata duma espécie de “santidade nova”. (TOMASI *apud* TEIXEIRA, 2019, p. 164).

José Tolentino Mendonça, prefaciando o Diário de Etty Hillesum, arremata uma síntese engenhosa da obra hillesiana, a qual se destacará no labor deste livro como objeto de investigação:

Ele assinala três encontros decisivos que a jovem mística holandesa vivenciou em sua curta experiência de vida: o encontro com uma pessoa, que foi Julius Spier; o encontro com um lugar, que foi Westerbork; e, finalmente, o encontro com algo sem nome, que é o próprio Inominável, aquele Mistério maior sem nome, que faz calar todas as narrativas a seu respeito. (MEDONÇA *apud* TEIXEIRA, 2019, p. 180).

Neste livro, postulamos justificar, para a área acadêmica de Ciências da Religião, a pertinência da mística de Etty Hillesum, processada fora do enquadramento das narrativas recorrentes da tradição mística ocidental. Enquanto

ao estado da arte, ela suscita interesse em diversas áreas do conhecimento desde a mirada filosófica, a psicológica, a perspectiva de gênero, a visão judaica e do holocausto e, por fim, a teologia cristã. Portanto, atinente ao nosso projeto de pesquisa ligado ao Pluralismo Religioso, Diálogo Religioso e Espiritualidade, encetamos uma investigação de sua obra sob a ótica das Ciências da Religião, assim compreendendo o que é a Ciência da Religião e o tratamento dedicado ao corpus hillesiano a partir desta demarcação conceitual:

A Ciência da Religião é a disciplina empírica que investiga sistematicamente religião em todas as suas manifestações. Um elemento-chave é o compromisso de seus representantes com o ideal da neutralidade ante os objetos de estudo. Não se questiona a verdade ou a qualidade de uma religião. [...] O objetivo da Ciência da Religião é fazer um inventário, o mais abrangente possível, de fatos reais do mundo religioso, um entendimento histórico do surgimento e desenvolvimento de religiões particulares, uma identificação e seus contatos mútuos, e a investigação de suas inter-relações com outras áreas da vida. A partir de um estudo de fenômenos religiosos concretos, o material é exposto a análise comparada. Isso leva ao entendimento das semelhanças e diferenças de religiões singulares a respeito de suas formas, conteúdos e práticas. (USARSKI, 2006, p. 127).

Segundo Cornelis Petrus Tiele, “o objetivo da nossa ciência não é o próprio sobre-humano, mas a religião baseada na crença do sobre-humano; e a tarefa de investigar a religião como um fenômeno histórico-psicológico, social e totalmente humano, sem dúvida, pertence ao domínio da ciência.”

(TIELE, 1897, p. 219). Bernard McGinn, em sua obra colossal sobre a história da mística cristã ocidental, explicita-nos uma metodologia de investigação em virtude do fenômeno místico, ao qual perquiriremos os escritos hillesianos:

Aqueles que definem mística em termos de certos tipos de experiência de Deus com frequência parecem esquecer que não pode haver acesso direto à experiência para o historiador. Tal experiência não faz parte do registro histórico. A única coisa diretamente disponível para o historiador ou teólogo historiador é a evidência, principalmente na forma de registros escritos, deixados para nós por cristãos de eras pretéritas. (MCGINN, 2012, p. 14-15).

Portanto, no fito de ordenar este livro, adotaremos a metodologia de pesquisa bibliográfica em ciências humanas. Iniciando um levantamento bibliográfico acerca do Diário e Cartas de Etty Hillesum, com o escopo de verificar o impacto do ambiente sociocultural, sociorreligioso em sua experiência mística. Por isso, contaremos com autores e autoras que investigaram a obra hillesiana de forma crítico-analítica, legando-nos um instrumentário analítico sólido a respeito das categorias que constituem a obra hillesiana.

Vale ressaltar a importância capital deste livro à contemporaneidade, cujo objetivo é demonstrar o valor do itinerário místico hillesiano à hodiernidade. Segundo Beatrice Iacopini:

Etty levou uma vida secular, caracterizada, acima de tudo, por uma liberdade de costumes bastante surpreendente para aquele tempo, portanto, muito diferente de um dominicano como Eckhart ou de uma carmelita como Teresa. Isso a torna particularmente

contemporânea e próxima do ser humano de hoje, da qual ela é verdadeiramente irmã. Seu percurso místico – especifiquemos também que ele não tem nada de visionário ou de extático – desenvolve-se na dimensão cotidiana, na prosaicidade de ambientes comuns, e a sua ascese, que também está presente (ela também, assim como os grandes mestres do passado, desenvolveu um caminho de purificação de si), não tem nada de medieval. (IACOPINI, 2019, p. 27-33).

Ao fim e ao acabo, ressalto a importância do pensamento dessa mística do século xx as minhas inquições pessoais. Me debruçando em seus escritos, me emudeço diante da coragem visceral de Etty Hillesum em face ao aniquilamento preparado detidamente pelos nazistas e, provocado pelo seu potente repertório intelectual, cuja abundância de interlocutores clarifica as fontes constitutivas de sua mística, que lhe conduzirá ao descobrimento de Deus em sua interioridade, experimentado num solo profano e sofrido da história.

O problema construído neste livro gira em torno duma questão nodal: Etty Hillesum não se encontra, a rigor, abalizada por nenhum cânon religioso, embora, pertencendo a uma família judaica, seus pais não lhes transmitiram o patrimônio religioso de seus antepassados. Por isso, urge problematizar uma questão fontal: Como Etty Hillesum carecendo de elementos religiosos sólidos, conseguiu alcançar “uma consciência imediata da presença de Deus” (MCGINN, 2012, p. 21) e sob seu influxo, adquirir um estado de firmeza em confronto com seu caos interior e em frente dum ambiente prenhe de sombras, donde a shoá se avizinhava celeremente dos judeus, amalgamando fontes literárias variegadas, pisando fora de qualquer tradição religiosa e ainda legando à contemporaneidade um itinerário espiritual de envergadura?

A hipótese cogitada a respeito dessa questão nodal ao largo dos capítulos deste livro tem sua gênese nas primeiras letras de seu Diário, donde se apalpa o padecimento de Etty Hillesum provocado por um tormentoso bloqueio interior, sendo ulteriormente analisado em sessões de psicoterapia com Julius Spier, cujo *télos* não se estacionará na desobstrução em nível tão-somente psicológico, não obstante, uma vida espiritual intensíssima irromperá lhe facultando uma consciência imediata da presença de Deus acolitada por estímulos espirituais advindos de literatos, místicos e da Bíblia.

O objetivo medular, aqui, é investigar o Diário e as Cartas de Etty Hillesum, clarificando o processo de deflagração da consciência de ser habitada por Deus mesmo carecendo-lhe de qualquer pertença religiosa e pôr à lume as fontes que subsidiaram sua experiência mística. Os objetivos específicos hipostasiados ao objetivo nuclear desta pesquisa afigurarão no decurso do desenvolvimento dos capítulos.

No primeiro capítulo, volveremos nossa investigação ao florescimento do itinerário espiritual de Etty Hillesum, principiando pelo arrolamento de dados biográficos de Etty Hillesum, identificando os lugares e as figuras humanas luminais de seu universo afetivo. Ulteriormente, circundaremos em torno de seu Diário que exprime o fluxo e o refluxo de suas vivências e reflexões íntimas de forma translúcida. Através de sua análise refinada e cortante das perturbações psicológicas que lhe acometem, de relações familiares condensadas de tensões, de certas amizades periclitantes e de uma vida ataviada de desejo eróticos, deste transfundo bloqueado espiritualmente, se desenvolverá aspectos constitutivos na construção de seu itinerário humano e espiritual. Finalmente, culminaremos no impacto da invasão nazista aos Países Baixos, assinalando sua inextrincável pertença ao povo judeu e seu anelo irrefutável de compartilhar o destino de seu povo

num campo de concentração como bálsamo espargido sobre a feridas abertas pela selvageria humana ou pão que sacia os famélicos ou até mesmo partir cantando rumo a Auschwitz ao encontro duma câmara de gás.

No segundo capítulo, sairemos à cata das fontes da linguagem mística hillesiana, discutindo as fontes que serviram à experiência mística de Etty Hillesum, desde a literatura, considerada sua segunda pátria, aos textos sagrados e a leitura dos místicos. Em primeiro lugar, discorreremos sobre o seu ardente desejo de ser escritora, configurando sua escrita deveras um exercício espiritual. Etty Hillesum imerge nas funduras de sua interioridade e numa atitude ascética de despojamento de si, ela talha no ventre do silêncio o bloco informe de palavras para prestarem sentido às grandes questões postas no horizonte humano. Etty Hillesum cose sua linguagem mística com fios deveras ecléticos, sem quaisquer subsídios linguísticos formais das tradições religiosas, o que provoca encantamento por sua insólita linguagem e ulteriormente o anelo de rastrear suas fontes, assim, sondaremos o impacto de seu poeta amado Rainer Maria Rilke na sedimentação de sua interioridade e a aguda consciência do mal extraída do grande russo Dostoiévski. A importância fulcral do psiquiatra suíço Carl Gustav Jung assinalada na obra hillesiana dado ao acento conferido à dimensão espiritual como uma propriedade incrustrada na natureza humana. Posteriormente, desentranharemos o impacto de Etty Hillesum ao dirigir-se a fonte de seus antepassados, as Escrituras Sagradas, em versão judaica e cristã, e a potência dos escritos de Agostinho e Eckhart na verbalização de sua consciência imediata da presença de Deus.

No terceiro capítulo, acentuaremos as peculiaridades da mística hillesiana. Inicialmente, encetaremos algumas questões nodais que nortearão este primeiro tópico: há, nos textos

hillesianos, uma potência mística? E se houver, eles aventam alguma categoria da mística à qual esta judia distante do solo firme da sinagoga ou da igreja possa ser etiquetada? Subsequentemente, desenvolvemos as principais categorias de valia mística nos escritos hillesianos, desvelando cotejamentos com os grandes mestres da espiritualidade cristã, e ao mesmo tempo, significando sua originalidade linguística. Enfim, a figura luminar da obra hillesiana: Deus. Calçados nos textos hillesiano, nos perguntaremos sobre a identidade desse Deus hillesiano, trazendo à baila suas variegadas nuanças.

Etty Hillesum vivera curtamente, contudo fecundamente. Seu mote à vida é belo e arrancado entre as brumas da shoá verte lágrimas dos olhos e sorrisos dos lábios defronte dessa jovem judia dadivosamente agraciada com a inteligência do coração, algo tipicamente judaico. Seus olhos se cerram em 30 de novembro de 1943, em Auschwitz, dentro de uma câmara de gás. Todavia, seus escritos soerguem de dentro das brumas da shoá imarcescíveis e imorredouros, adiantado e respondendo questões de ordem teológica acerca de Deus sem ser teóloga.

Cumpre-nos esclarecer à guisa de informação acerca do uso das obras hillesianas empreendida neste livro. Quando usamos a sigla DEP (Diário em Português), referimo-nos à edição parcial em português da editora Âyiné. Em outro momento, empregaremos a sigla DEI (*Diario Edizione Integrale*), mencionando a obra completa de Etty Hillesum em italiano. Quanto às Cartas hillesianas, fazemos uso de uma versão em espanhol e italiano: em espanhol, nos serviremos da palavra *Cartas*, e em italiano, da palavra *Lettere*.

CAPÍTULO 1:

O FLORESCIMENTO DO ITINERÁRIO ESPIRITUAL DE ETTY HILLESUM

Neste primeiro capítulo, almejamos construir um retrato clarividente dessa personalidade luminar do século xx: Esther Hillesum, comumente conhecida como Etty. Essa jovem judia que atravessara uma faixa histórica indizível e a enfrentara com o rosto soerguido de dentro das densas brumas da Shoá.

Em primeiro lugar, na entrada do capítulo, oferecemos um suporte biográfico, atentando-nos para pessoas e lugares que entrarão em cena em seus escritos. Ulteriormente, nos concentramos ao redor de Etty Hillesum, rastreando a *pari passu* os sintomas de seu caos, e a subsequente abertura a *pari passu* para uma vida espiritual deflagrada por ocasião desse mergulho em sua interioridade que nos causará um deslumbramento emudecido. Por fim, urdido os elementos axiais de sua vida para subsidiar o florescimento do seu itinerário espiritual, advém o despertar de sua consciência judaica como coroamento desse processo, entre as volumosas sombras da Segunda Guerra Mundial.

1.1 Dados biográficos de Etty Hillesum

Esther Hillesum¹, alcunhada por Etty, nascera no seio duma família judaica em 15 de janeiro de 1914, cujo local fora a casa paterna no número 77 na Molenwater em Middelburg,

1 Quanto aos dados auferidos para a construção bibliográfica da família Hillesum, tomamos como referência a citação subsequente: HILLESUM, Etty. *Diario Edizione Integrale*. Milão: Adelphi, 2012. p. 17-26.

uma cidade pertencente à zona da península de Walcheren localizada nos Países Baixos. Seu pai, Levie Hillesum, reconhecidamente Louis, morava em Middelburg desde 1911, donde laborava como professor de línguas clássicas. Levie fora o último entre os quatro filhos. Ele nascera em 25 de maio de 1880, em Amsterdã, e seu pai Jacob Samuel Hillesum tivera sido um próspero comerciante e filho dum rabino de-veras famoso. Sua mãe chamara Esther Hillesum-Loeza. Etty Hillesum recebera seu nome em homenagem à avó paterna.

Logo depois do ensino médio, Louis Hillesum matriculou-se na Universidade de Amsterdã, donde estudara línguas clássicas. Em 1902, obteve o diploma no liceu, e em 1905, alcançara a graduação, ambas de forma louvável, com *cum laude*. Em julho de 1908, coroou seus estudos se doutorando com a tese, cujo título fora: *Sobre o uso do imperfeito e do aoristo em Tucídides*, adquirindo-lhe, também, com louvação (*cum laude*). Em 7 de setembro de 1912, esposou-se com Riva Bernstein, notadamente chamada de Rebeca.

Louis Hillesum exercera seu ofício professoral marcadamente em peregrinação pelos Países Baixos. Middelburg, onde Etty Hillesum nascera, fora o local de seu primeiro emprego como professor. Ulteriormente, a família Hillesum mudara-se, em 1914, para Hilversum após a nomeação de Louis para o cargo de professor de línguas clássicas, no ginásio. Apesar de sua erudição, padecia inelutavelmente de debilidades como surdez em um dos ouvidos e problema de vista, pondo em xeque sua capacidade disciplinar defronte aos numerosos alunos do ginásio.

Por isso, esse professor itinerante rumara-se para Tiel, em 1916, lecionando num ginásio menor. Subsequentemente, em 1918, fora empregado como professor de línguas clássicas e vice-diretor em Winschoten. Ademais, em 1924, fora transferindo com as mesmas atribuições para Deventer, ao qual

tornara-se diretor em 1º de fevereiro de 1928. Conquanto, em 29 de novembro de 1940², fora deposto arbitrariamente de seu ofício pelo governo ocupante, que nesse mesmo ano, havia subjugado os Países Baixos, e iniciara, paulatinamente, as represálias contra os judeus. Vale acentuar que no seu discurso de despedida, ele haveria de citar um grande mestre espiritual cristão, Geert Groote, pai da *Devotio Moderna*³, “antes de mais, parece-me bom que vos mantenhais na alegria espiritual.” (GROTTE *apud* LEBEAU, 2014, p. 17).

Louis Hillesum era um homem baixo, silente e introvertido. Um erudito tipicamente caracterizado como estoico, porém, que cultivara um espírito humorístico. Nutrira um interesse pelo judaísmo e pelo hebraico bíblico, apesar de ser um típico caso clássico de judeu assimilado pela cultura europeia ocidental (LEBEAU, 2014, p. 17). Inclusive, adotara o nome cristão: Louis (Luís). A sua família não se recolhia em observância em frente ao *shabbat*, e quanto às observações dietéticas, não comia *kasher*. Por isso, certos primos hesitavam em visitar-lhes.

O pai de Etty Hillesum provinha de uma família judaica holandesa, por conseguinte, sua mãe, Riva (Rebecca Bernsteint), era natural da Rússia e refugiara-se nos Países Baixos após um pogrom⁴. Riva, uma judia russa, cuja data de nas-

2 A Segunda Guerra Mundial começou em 1º de setembro de 1939, e se faria sentir progressivamente nos Países Baixos, que anelavam manter-se neutra face ao conflito. Portanto, em 10 de maio de 1940, os alemães ocuparam-lhes, e as tensões contra os judeus aumentaram paulatinamente.

3 Movimento de renovação espiritual inaugurado precisamente em Deventer, no século xv.

4 Pogrom, palavra russa cujo significado denota ataque violento às pessoas e seus haveres. Era uma prática recorrente na Rússia dos Czares. Tornou-se de aceção praticamente reservada para designar o ataque sistemático dirigido a judeus e outras minorias pelos governos nazi e soviético.

cimento fora em 23 de junho de 1881, em Potsjeb (Rússia), era filha de Michael Bernstein e Hinde Lipowsky. Em consequência de um pogrom, transferira-se para Amsterdam em 18 de fevereiro de 1907. Trabalhara como professora de russo. Sua família, que havia emigrado contigo, rumara-se clandestinamente aos Estados Unidos. Não obstante, permanecera ao lado de Louis, com o qual havia desposado a menos de um ano. Ela se contrastava, explicitamente, de seu marido. Era alta, forte, caótica e extrovertida.

Com bem nos informara Paul Lebeau, “de acordo com que a conheceu, era imprevisível e autoritária. A relação de Riva com a filha Etty foi difícil e marcada por violentas tensões.” (LEBEAU, 2014, p. 18). Conforme Wanda Tommasi, “a leitura do Diário dá a conhecer uma relação difícil e conflitiva com sua mãe, uma mulher de temperamento passional e emotivamente instável, e que o clima familiar se caracterizava por contínuas tensões que repercutiam no equilíbrio dos filhos.” (TOMMASI, 2002, p. 17, tradução nossa)⁵. Além de Etty, Riva Hillesum tivera outros dois filhos, ambos brilhantes em seus campos respectivos: Jacob, nominado como Jaap, envergado à medicina, e Michael, conhecido por Mischa, devotado à música.

Jacob Hillesum (Jaap) nascera em Hilversum em 27 de maio de 1916. Recebera seu nome em homenagem ao avô paterno. Concluiu, brilhantemente, sua formação ginásial em 1933. Posteriormente, dirigiu-se à universidade de medicina em Amsterdã e, logo após, em Leida. Disfrutava duma inteligência fenomenal, e amante de poesias, sempre fora disciplinado quanto aos estudos. Em vista disso, encontra-

5 “*La lectura del Diario da a conocer uma relación difícil y conflictiva con su madre, una mujer de temperamento passional e emotivamente inestable, y que el clima familiar se caracterizaba por continuas tensiones que repercutían en el equilibrio de los hijos*”.